

SOBRE A HISTÓRIA DO TEXTO DE VITRÚVIO

ON THE HISTORY OF VITRUVIUS' TEXT

Júlio César Vitorino*

RESUMO

Este artigo pretende apresentar alguns elementos importantes para a compreensão da história do **De architectura**, de Vitruvius. A abordagem busca refletir sobre a produção do texto, partindo de considerações sobre a situação sociocultural do autor e sobre os modelos oferecidos pela tradição do tratado técnico e, a partir daí, apresentar subsídios para a reconstrução dos percursos da circulação e da recepção do texto, da Antiguidade aos nossos dias.

Palavras-chave: Vitruvius; **De architectura**; Arquitetura antiga; Teoria da arquitetura na Antiguidade; Literatura técnica latina.

ABSTRACT

This article intends to show some important elements in order to understand the history of Vitruvius' **De architectura**. It aims at researching into the making of the text, based on the author's cultural and social contexts and on examples of technical treatises offered by tradition, so as to present subsidies to the reconstruction of the text circulation and reception from Antiquity to the present day.

Key words: Vitruvius; **De architectura**; Ancient architecture; Architectural theory in Antiquity; Latin technical literature.

* Arquiteto. Mestre em Letras Clássicas pela Università Pontificia Salesiana di Roma. Especialista em Teoria da Arquitetura pela Università di Roma "La Sapienza".

A história de um texto antigo, além da análise dos mecanismos de sua transmissão, deve se ocupar também de uma série de percursos, englobando a sua produção, circulação, recepção e atualização. É sempre a história complexa, em muitos pontos obscura, de uma resistência frente às vicissitudes históricas enfrentadas no decorrer do tempo, no longo período transcorrido entre a época antiga e a idade contemporânea. Uma história que não conhece limites geográficos precisos e que tem início, aliás, antes do próprio texto específico, pois todo texto já traz consigo, no momento da sua redação, uma série de referências, explícitas ou implícitas, a outros textos, que agem como fontes ou como modelos. A história de um texto, portanto, constitui a história de um percurso cultural, de influências, de leitores, de copistas, de estudos, de interesses, de vocações, de editores, de citações, de apropriações, de leituras. Nesse sentido, este artigo representa uma contribuição, em muitos pontos original, para a reconstrução da história do texto de Vitruvius.

Um dos pilares mais sólidos da filologia tem sido, desde sempre, o enfoque biográfico, mas, no caso específico do **De architectura**, o interesse pelo autor do texto parece começar apenas com o Humanismo. A leitura de Vitruvius na Idade Média, segundo os testemunhos existentes e as conjecturas que podem ser feitas, dirige-se, sobretudo, para a busca de dados técnicos como base para uma cultura arquitetônica superficial. Ao que tudo indica, nem a Antiguidade, nem a Idade Média, preocuparam-se em estabelecer uma biografia vitruviana, como no caso de tantos autores clássicos, de modo que nenhum dos manuscritos medievais existentes apresenta uma *Vita Vitruvii*. O empenho no estabelecimento de uma biografia do autor latino pode ser notado, porém, já nas primeiras edições impressas da obra, como na tradução de Daniele Barbaro (1567, p. 1-2) que, a partir de dados colhidos na própria obra, apresenta uma descrição da vida do autor.

Na verdade, hoje não se sabe muito mais que então sobre a pessoa histórica de Vitrúvio. A ausência quase total de referências à sua biografia nos textos conhecidos e alguns fatores lingüísticos observados no **De architectura** fizeram com que parte da crítica interpretasse, às vezes em modo divergente, os poucos dados disponíveis sobre o autor. Assim, houve quem, como Claude Perrault e os irmãos William e James Newton, trouxesse a datação do tratado para o I século da nossa era, julgando-a, portanto, dedicada não a Augusto, mas a Vespasiano, uma tese que mesmo no século XX foi defendida por Mortet e aceita por Schlösser-Magnino. Outros, como J. L. Ussing, chegaram a acreditar que se tratasse da obra de um falsário do III século d.C. ou mesmo posterior. Deve ser mencionada ainda a hipótese extravagante de C. F. L. Shultz, que atribui a obra a Gerbert, o futuro papa Silvestre II, do final do século X. A “questão vitruviana” parece agora definitivamente superada e, sem discordâncias, admite-se a existência histórica de Vitrúvio no I século a.C. Porém, no que diz respeito ao seu nome completo, à sua condição social, à localidade de nascimento e outras questões semelhantes, nos encontramos diante de verdadeiros enigmas.

Realmente, sobre o autor dos **De architectura libri decem** não sabemos nada além do que ele mesmo diz de si no corpo da obra: pouquíssimas notícias esparsas ao longo do texto. A tradição manuscrita traz, unanimemente, *Vitruuius* (ou *Victruuius*) como nome do autor, sem nenhum *praenomen* ou *cognomen*. Em toda a literatura antiga conhecida, são cinco os autores que mencionam Vitrúvio: Gaio Plínio Segundo “o Velho”, Sexto Júlio Frontino, M. Ceto Faventino, M. Sérvio Honorato e Gaio Sólido Sidônio Apolinário.¹ Todos esses autores referem somente o nome *Vitruuius*, exceto, talvez, Faventino, autor de uma epítome do **De architectura**, que acrescenta: *De artis architectonicae peritia multa oratione Vitruvius Pol(l)io aliique auctores scientissime scripsere* (FAVENT, 1, 1).² Com base nesse passo e na seguinte inscrição que se encontra no arco dos Gavos em Verona:

L. VITRVVIVS L. L. CERDO
ARCHITECTVS

a partir do XV século são atestados os cognomes *Pol(l)io*, obviamente oriundo da *Epítome* de Faventino, e aquele de *Cerdo* presente no arco dos Gavos. Já foi demonstrado que o liberto do arco de Verona não pode ser o autor do tratado, pois a construção é do fim da época de Augusto ou do início do principado de Tibério (FLEURY, 1990, p. XI) e mesmo o testemunho de Faventino é ambíguo, pois pode se referir a dois autores distintos: Vitrúvio e um desconhecido Polião. Para

¹ Plin., *Nat. hist.*, index auctorum lib. XVI, XXXV et XXXVI; Front., *Aq.* 25, 1 e 25, 2; Favent., 1, 1; Serv., *ad Aen.* 6, 43; Sid. Apol., *Ep.* 4, 3, 5; *Ep.* 8, 16, 10.

² “Sobre a perícia da arte arquitetônica, com muita propriedade, Vitruvius Polião e outros autores escreveram sabiamente”.

os diversos prenomes que aparecem a partir do séc. XV, como *M.* (*Marcus*), *M. L.* (*Marcus Lucius*), *C.* (*Caius*), *A.* (*Aulus*) e *L.* (*Lucius*), com exceção desse último encontrado na inscrição de Verona, a origem permanece sem explicação.

Das informações contidas na obra não é possível determinar qual tenha sido a terra natal de Vitruvius. As inscrições epigráficas que contêm o nome *Vitruvius*, mesmo numerosas, demonstram no máximo que o nome da *gens* foi conhecido durante mais ou menos seis séculos em uma vasta área geográfica que inclui Verona, Lácio, Campânia além da África do Norte, onde se concentra o maior número de inscrições. Tal fato poderia ser usado a favor da hipótese da *africanitas* de Vitruvius, originada por algumas peculiaridades da língua vitruviana, que apresentaria elementos em comum com escritores da África romana. Essa hipótese, hoje, parece definitivamente superada, não persistindo nenhuma razão mais séria para se duvidar que o **De architectura** tenha sido escrito em Roma.

Na ausência de elementos externos, tudo o que pode ser conhecido com segurança sobre a vida de Vitruvius é aquilo que pode ser extraído da própria obra. Do prefácio ao livro VI provém o único dado autobiográfico sobre a juventude do autor, que fala dos cuidados dos seus pais em relação aos seus estudos, fato que lhe permitiu adquirir uma cultura enciclopédica. Do mesmo prefácio, pode-se deduzir, também, que o autor jamais teria sido rico, mesmo se a notícia do *hospitium* oferecido por ele a *Gaius Iulius Massissae filius* (VIII, 3, 25), provavelmente membro da família real da Numídia, desminta que Vitruvius tenha sido tão pobre como faz supor o *inopiae timor* inserido na carta dedicatória a Augusto. Sobre a sua carreira, o autor fornece informações um pouco mais detalhadas, mas também insuficientes para se estabelecer um quadro preciso das suas atividades. Os tipos de atividades profissionais que podem ser atribuídas ao arquiteto Vitruvius são quatro: no âmbito da *machinatio*, da *aedificatio*, da *cura aquarum*, além, obviamente, do trabalho teórico.

Em relação à *machinatio*, o próprio Vitruvius informa que se ocupou de fabricação e conserto de máquinas bélicas (I, *praef.*, 2). Uma confirmação das competências do autor se encontra no trecho dedicado à artilharia no livro X (Cap. 10-12), onde Vitruvius apresenta o assunto de um ponto de vista original e com o domínio de um verdadeiro especialista (CALLEBAT, 1986, p. XXVI-XXVII). Sua atividade militar, provavelmente, teria sido exercida na época de Otávio, mas fica sempre uma impressão que a teria exercido já a partir de César. No âmbito da *aedificatio*, a única alusão feita pelo autor à sua atuação no campo da construção é a descrição de uma basílica construída por ele na colônia de Fano (V, 1, 6-10). A descrição da basílica de Vitruvius é um dos temas mais estudados na bibliografia relativa ao autor e os estudiosos utilizam essa referência como um dos elementos preferenciais para a datação do texto, pois somos informados por outras fontes que Otávio enviou à colônia veteranos que ali se estabeleceram por volta do ano 30 a.C. O terceiro ponto do elenco das atividades de Vitruvius é o mais

problemático porque não há nenhuma afirmação segura feita pelo autor de ter exercido alguma função relacionada à *cura aquarum*. Muitos estudiosos, baseados em um passo do livro VIII (6, 2) sustentam a participação de Vitruvius nos serviços de adução de água, na qualidade de consultante técnico, e, para reforçar a afirmação, valem-se de um testemunho externo oferecido por Frontino (*Aq.*, p. XXV, 1), que indica Vitruvius, juntamente com Agripa, como o introdutor de um novo calibre para os tubos de derivação.

Enfim, quanto à atividade teórica de Vitruvius não pode haver dúvidas, mas permanece sempre uma questão: o tratado seria a única obra escrita pelo autor ou existiram outras? A questão se baseia principalmente naquilo que o próprio autor afirma no prefácio do livro I: *non audebam [...] de architectura scripta et magnis cogitationibus explicata edere* (I, *praef.*, 1).³ Os participios *scripta* e *explicata* seriam uma referência ao **De architectura**, ou uma alusão a anotações reunidas previamente? No primeiro caso, Vitruvius teria tido em mãos uma redação do texto já terminada havia um certo tempo e, aproveitando a ocasião oferecida pela publicação da obra, teria anteposto a *praefatio* diante do livro primeiro e, na mesma circunstância, também os outros prefácios, pelo menos aqueles que trazem a dedicatória a Augusto. A segunda hipótese é, sem dúvida, a mais satisfatória, sendo acolhida pela maior parte dos editores, que procuram na redação definitiva os sinais dos textos precedentes e os pontos de emenda entre eles. Existe também uma tese mediana representada principalmente por Ferri (1960: 4-5) segundo a qual, desde os tempos de César, Vitruvius teria publicado opúsculos depois integrados na redação definitiva do tratado; o estudioso chega, inclusive, a tentar reconstruir os possíveis títulos, que poderiam ter sido algo como *De opportunitate publicorum aedificiorum* ou *De publicorum edificiorum egregia auctoritate*.⁴

De tudo isso, pode-se concluir apenas que sabemos muito pouco sobre Vitruvius: os testemunhos externos são raros, as confiências dispersas nos prefácios são pouco consistentes e os dados epigráficos não são pertinentes. A tendência atual é colocar a questão da identificação do personagem em termos de sociologia cultural, segundo uma perspectiva que, afastando-se de uma prosopografia ilusória, procura definir o contexto profissional de Vitruvius e reconstruir, na medida das possibilidades, o seu perfil social mais que a sua personalidade. É essa a linha de pesquisa compartilhada pela maior parte dos estudiosos contemporâneos, sobretudo os europeus, que nos últimos anos têm buscado definir a natureza do projeto de Vitruvius e, sem renunciar à análise de algumas características da sua individualidade, têm se proposto a individualizar a situação sociocultural do autor e a sua relação com o próprio tempo. Essa perspectiva inclui, necessariamente, a re-

³ “Não ousava publicar o que tinha já escrito sobre arquitetura e as idéias desenvolvidas com longas reflexões”.

⁴ “Sobre o caráter oportuno dos edifícios públicos”; “Sobre a melhor realização dos edifícios públicos”.

lação de Vitruvius com a tradição dos tratados de arquitetura que o precederam, a sua posição frente aos debates intelectuais contemporâneos e também a recepção do **De architectura**, ou seja, a questão da relação entre a obra e o seu público.

Quanto à publicação, não se conhece nenhum testemunho exterior seguro para a datação do **De architectura**. As duas referências mais antigas a Vitruvius que possuímos, de Plínio e de Frontino, devem ser usadas com cautela. Mesmo sendo muito provável que ambos os autores se refiram realmente ao autor do tratado, teríamos então apenas um *terminus ante quem* para a datação da obra, que teria sido escrita, e publicada, antes da **Naturalis historia** de Plínio, pois no texto de Frontino não está claro que Vitruvius e Agripa seriam contemporâneos. Para o estabelecimento da data de composição da obra, portanto, é melhor se ater a informações contidas no próprio texto. Em II, 6, 2, Vitruvius considera o Vesúvio como um vulcão extinto, fato que nos dá o único elemento indiscutível para a datação do tratado: ele é anterior à erupção do ano de 79 d.C. Há, porém, uma série de elementos contidos na obra que, no conjunto, convergem para situar a publicação nos primeiros anos do principado (por volta de 27 a.C.).

Em relação às fontes utilizadas, Vitruvius apresenta um elenco (VII, *praef.* 11-17), constituído por tratados de cenografia, obras sobre as proporções das ordens arquitetônicas, opúsculos publicados marginalmente à realização de templos e outros edifícios célebres, contribuições relacionadas à ciência das máquinas. No que diz respeito à cenografia, são citados o pintor Agatarco de Samos, e, marginalmente, também os filósofos Demócrito e Anaxágoras. No âmbito da arquitetura de templos, encontram-se Sileno, Teodoro, Quersífron e Metagenes, Piteu, Ictino e Cárpion, Teodoro de Focéia, Fílon, Hermógenes e Arcésio, e, enfim, Sátiro e Piteu. Vitruvius menciona ainda alguns autores de obras que continham preceitos de simetria: Nexáris, Teócides, Demófilo, Pólis, Leônidas, Silanião, Melampo, Sárnaco e Eufranor. Em relação a máquinas e mecânica, são citados Diades, Arquitas, Arquimedes, Ctesíbio, Ninfodoro, Fílon de Bizâncio, Dífilo, Dêmocles, Cárias, Poliidos, Pírron e Agesístrato. Segundo Vitruvius, antes dele teriam sido poucos os romanos que escreveram sobre arquitetura, mencionando apenas três nomes: Fufício; Varrão e Públio Setímio. Além desses autores citados, em VIII, 3, 27, para as questões de hidráulica, Vitruvius enumera, entre as suas fontes, os seguintes autores: Aristides, Egésias, Heródoto, Metrodoro, Posidônio, Teofrasto e Timeu.

Apenas um trecho mais extenso do **De architectura** pode ser confrontado textualmente com uma outra obra. Trata-se dos capítulos dedicados à descrição das armas de assédio (X, 13-15), que apresentam coincidências quase literais com a seção sobre o mesmo tema presente no **Peri mechanemáton** de Ateneu, o Mecânico. A hipótese que um autor dependa do outro deve ser recusada, visto que nenhum dos dois cita o outro, além disso, cada um dos autores apresenta alguma coisa a mais em relação ao outro. A hipótese de uma fonte comum é pouco convin-

cente, dada a multiplicidade de possíveis fontes sobre a matéria. Mais plausível parece ser a hipótese de um aprendizado comum recebido por ambos, independentemente, na escola dos mesmos preceptores (CALLEBAT, 1986, p. XXVIII-XXXI).

A bibliografia apresentada por Vitruvius, porém, não pode ser efetivamente levada em consideração porque é ilusória, como são ilusórias todas as listas fornecidas por compiladores antigos (GROS, 1997, p. LXIII-LXIV). É lícito supor que o autor não tenha tido acesso direto a todas as fontes que cita e que nem mesmo tenha tido uma idéia precisa de todos os autores que menciona. Na verdade, a transmissão do conhecimento técnico em época helenística, e mais ainda na época de Vitruvius, pressupunha o recurso a *excerpta*, doxografias, manuais e outros intermediários, que forneciam uma base de conhecimentos sumária em relação às técnicas, às formas e aos tipos da arquitetura grega. O autor do **De architectura** demonstra realmente a tendência à utilização de tais fontes, juntamente com a presença de modelos, nem sempre declarados, mas que operam na concepção da obra. A maior parte dos autores citados por Vitruvius é constituída por autores gregos, mas isso não significa que tais autores tenham sido lidos integralmente e nem mesmo que tenham sido lidos diretamente. O único autor mencionado por Vitruvius do qual ele reivindica uma leitura pessoal (V, 4, 1) é Aristóxeno de Taranto, utilizado para a apresentação da harmonia musical e dos problemas de acústica nos edifícios de espetáculos.

Entre as páginas do livro primeiro podem ser encontrados ecos do **De oratore** e do **De officiis** de Cícero. Parece lícito ainda presumir pontos de contato com o livro dedicado à arquitetura nas **Disciplinae** de Varrão, mesmo que a obra nos seja quase que totalmente desconhecida. Também foi postulada uma influência direta do tratado hipocrático **De aeris aquis locisque** (Romano, in: GROS, 1997, p. 76), cujo título é retomado quase que literalmente por Vitruvius em I, 1, 10, mas não parece que o tratado tenha sido utilizado diretamente, uma vez que Vitruvius, tão atento a informações relativas à água, não utiliza a notícia ali reportada sobre o aumento de volume da água após o seu congelamento.

Um ponto original do projeto de Vitruvius parece ser a tentativa de reunir em uma mesma obra tudo aquilo que concerne à arquitetura na sua época, e realmente não se conhece nenhum modelo, grego ou latino, no qual Vitruvius possa ter se inspirado, assim como nenhuma outra obra sucessiva que se conhece o imitou (FLEURY, 1990, p. XXXVII). No inventário oferecido pela literatura propriamente arquitetônica, ou seja, ligada à *aedificatio*, não existem, infelizmente, outras obras, ou notícias bibliográficas seguras, que permitam a realização de um confronto; além disso, mesmo as notícias que temos sobre essa bibliografia são quase todas provenientes do próprio **De architectura**, em modo que a sua utilização cria uma espécie de círculo vicioso. A rápida resenha dos tratados de arquitetura gregos e romanos que o autor apresenta no prefácio do livro VII confirma o caráter monográfico das obras gregas, enquanto, no que diz respeito às

obras latinas, o autor menciona apenas o nome dos autores dizendo que dedicaram obras à arquitetura, ao que parece, não estritamente monográficas, mas certamente muito mais limitadas que o tratado vitruviano, pois a mais ampla, a de Públio Setímio, compreendia apenas dois volumes, contra os dez do **De architectura**.

No caso da mecânica, afortunadamente, somos mais bem informados sobre a riqueza de uma vasta tradição de textos que confirmam uma especialização temática nesse setor (CALLEBAT, 1986, p. XIV-XVI). Em relação aos conteúdos, encontram-se exemplos que podem confirmar que a concepção da arquitetura com múltiplos aspectos não é exclusiva de Vitrúvio. Fílon de Bizâncio, por exemplo, do terceiro século a.C., escreveu tratados de arquitetura civil e militar, de mecânica teórica e de mecânica prática (FLEURY, 1990, p. XXXVIII-XXXIX). Nesse aspecto, Vitrúvio se insere em uma longa tradição, de origem helenística, de arquitetos-engenheiros, especialistas em muitos dos campos abarcados pela arquitetura antiga, tal como descrita no **De architectura**, uma tradição que se prolonga, no mínimo, até o terceiro século d.C.

No que concerne à posição de Vitrúvio no quadro dos debates intelectuais do seu tempo, é necessário recordar que Vitrúvio faz parte de uma geração contemporânea a Cícero, a Lucrécio, a Varrão e a César (todos personagens mencionados pelo próprio Vitrúvio) uma geração que viveu as guerras civis e sofreu as suas conseqüências. A crise política do Estado romano fez nascer nos ânimos a consciência do risco da dispersão de todo um patrimônio de conhecimentos e de habilidades práticas acumulado durante séculos, suscitando então, em todos os campos, o desejo de inventariar esse patrimônio e reordená-lo sob a égide de um novo rigor lógico (GROS, 1997, p. XXXII-XXXIII); o empenho de Vitrúvio, sob esse aspecto, pode ser comparado àquele de Varrão para as técnicas agrícolas e para os fatos da língua, ao de Cícero para o direito público e a jurisprudência, de Lucrécio para a filosofia epicurista, sendo que as suas obras constituem o objeto de idênticos esforços no sentido de uma unificação normativa.

O perfil sociológico do autor concorda com vários aspectos da exposição vitruviana. Em primeiro lugar, o caráter prosaico dos seus princípios e observações: Vitrúvio considera apenas o aspecto utilitário das disciplinas, consideradas necessárias ao arquiteto, em função da prestação de contas a quem pede esclarecimentos, ignorando, muitas vezes, os aspectos estéticos de uma determinada solução arquitetônica para ressaltar o seu caráter econômico. Tudo isso reflete um comportamento próprio da prática profissional de um homem habituado à gestão de recursos públicos. Além disso, a simplificação dos esquemas proporcionais e das soluções propostas demonstra o seu interesse em chegar a fórmulas unívocas, com claras intenções didáticas, correspondentes às expectativas de quem espera que seja dito precisamente aquilo que deve ser feito. Um terceiro aspecto a ser avaliado é a reivindicação cultural do autor em aparente contradição com os

dois aspectos anteriores. Deve-se observar que a atividade intelectual era um fator importante na mobilidade social, demonstrando-se em grau de romper as barreiras censórias e nobiliárquicas na relação com o poder. É nessa perspectiva que deve ser compreendida a posição de Vitruvius. O autor reconhece a precedência do saber teórico, mas reivindica a dignidade do especialista que adquiriu os meios para dominar o conjunto das noções necessárias ao exercício da sua arte. Ele mesmo reconhece não ser um intelectual dedicado à especulação teórica, mas, demonstra o seu orgulho ao falar da sua formação; uma modéstia derivada do sentimento de dependência econômica e o orgulho do fato de ser detentor de um saber que é também uma ética, de ser capaz de teorizar uma prática profissional exercida com honestidade (GROS, 1994, p. 86-87; 1997, p. XXII-XXIII).

A recepção do **De architectura** entre os contemporâneos constitui uma das problemáticas de mais difícil solução no estado atual dos nossos conhecimentos. Como já foi dito, não se dispõe de nenhuma referência a Vitruvius nos autores contemporâneos e nenhum dado epigráfico consistente pode ser associado a ele com segurança. A crítica recente tem procurado estabelecer a influência do tratado vitruviano nas construções empreendidas por Augusto, mas os resultados têm sido apenas conjecturas cientificamente pouco fundamentadas que se baseiam principalmente na simpatia pessoal pelo autor, como no caso das obras de F. Pelatti e de B. Pedotti, que vêem no autor do tratado o codificador das normas do urbanismo imperial. Na verdade, deve-se duvidar que Vitruvius tenha sido realmente lido e conhecido por parte de um público mais amplo na Antiguidade. Antes da **Epítome** de Faventino, as únicas menções a ele são aquelas feitas por Plínio e por Frontino, que se referem ao autor de modo banal, o que leva a crer que Vitruvius era conhecido em círculos muito restritos, de modo que uma possível influência sua sobre a arquitetura da época resulta pouco provável. De qualquer forma, o silêncio não é um argumento muito eficaz, e muitos estudiosos têm procurado identificar na arquitetura imperial elementos de origem vitruviana. P. Zanker, por exemplo, acredita que as *chórai* dos pórticos laterais do foro de Augusto revelem uma marca da influência do texto de Vitruvius, mais precisamente do passo do livro I (I, 1, 5) no qual o autor trata das cariátides.⁵ J. Alarção e R. Étienne (1978) são convictos que hajam influências vitruvianas na implantação arquitetônica de Conimbriga, Portugal, que datariam da época de Augusto e da época trajano-flávia (p. 5-14). G. Hallier (1989, p. 194-211) verificou a validade das normas vitruvianas tomando as proporções do átrio toscano. Os estudos mencionados, porém, não são convincentes o suficiente para se confirmar uma influência do autor latino sobre a arquitetura contemporânea; podem, no

⁵ WESEMBERG (1984, p. 177) contesta essa afirmação acreditando, ao contrário, que sejam essas cariátides que influenciem o texto de Vitruvius, o qual teria visto as cariátides do Foro de Augusto ou, pelo menos, o projeto ou os protótipos.

máximo, contribuir ao estabelecimento de coincidências entre o texto de Vitruvius e a prática arquitetônica do seu tempo, um fato que se revela muito importante, visto que tantos detratores de Vitruvius, seja no passado, seja em época mais recente (como Ferri), com juízos diversos, têm visto em Vitruvius um homem do passado, sem contatos com a arquitetura do seu tempo e, inclusive, nem mesmo com a profissão de arquiteto.

De qualquer modo, o texto de Vitruvius não deixou de ser conhecido (e, portanto, recopiado) desde a antiguidade até o Renascimento, o que é documentado por um número considerável de manuscritos atualmente já recensados que contêm extratos, partes ou o conjunto da obra. A descoberta de Poggio Bracciolini tem importância relativa, pois, naquela época, a maioria dos manuscritos já tinha sido redigida. Ele está na origem da renovação do interesse por Vitruvius, mas não tem um papel de primeiro plano na transmissão do texto, pois, dos 78 manuscritos do texto vitruviano atualmente existentes, 34 são, seguramente, anteriores ao século XV.

O mais antigo parece ser o **Harleianus 2767**, do IX século, em concorrência com outros três manuscritos que podem remontar ao mesmo século: **Bruxellensis 5253**, **Gudianus 132** e o **Vaticanus Reginensis 1504**. Durante o Renascimento, a multiplicação foi intensa: 37 manuscritos datam seguramente do século XV e apenas um, provavelmente o mais recente, é do século XVI, o **Ottoboni 850**, que contém apenas o prefácio do livro I.

Os principais manuscritos são: H: **Harleianus 2767** (Londres, British Museum): manuscrito do IX século, com todo o texto; P: **Parisinus 10277 Pithoeanus** (Paris, Bibl. Nat. Lat. 10277): manuscrito do século X, que contém todo o texto, seguido pela **Epítome** de Faventino; E: **Gudianus 132 Epitomatus** (Wolfenbüttel, Herzog-August Bibliothek, 4436): manuscrito do século X, que contém os 26 primeiros capítulos da **Epítome** de Faventino, entremeados com extratos do **De architectura**, sendo que o restante do manuscrito contém outras obras; L: **Vossianus 88** (Leyde, Rijkuniversiteit Bibliotheek): manuscrito do século X, com todo o texto; S: **Seletstatensis 1153 bis, nunc 17** (Sélestat, Bibliothèque et archives municipales, 17): manuscrito do século X, descoberto somente em 1878, contém um conjunto de receitas técnicas (*Mappae clauicula*), seguidos pela **Epítome** de Faventino e o **De architectura** completo; v: **Vaticanus Reginensis 1504** (Vaticano, Bibl. Apostolica, *Reg. Lat.*): manuscrito de datação polêmica (Marini: VIII-IX séc.; Rose², Degering: IX séc.; Ruffel e Soubiran: X séc.), com todo o texto seguido pela **Epítome** de Faventino; pertenceu a Claude Pettau e foi vendido por seus filhos a Cristina da Suécia; f: **Frankeranus**, B. A. fr. 51 (Lewarden, Bibliothèque Provinciale de Frise): manuscrito do fim do século X ou início do século XI, que contém todo o texto; b: **Bruxellensis 5253** (Bruxelas, Bibliothèque Royale): manuscrito cuja datação oscila entre o IX e o XI séc., mas certamente posterior a H, contém todo o texto; G: **Gudianus 69** (Wolfenbüttel, Herzog-

August Bibliothek, 4373): manuscrito do século XI com todo o texto; l: **Vossianus 107** (Leyde, Rijksuniversiteit Bibliotheek): manuscrito do séc. XI. com todo o texto; e: **Escorialensis III** f. 19 (Escorial, Real Bibliotheca): manuscrito de datação incerta (X-XI séc.) com todo o texto; c: **Cottonianus Cleop. D. 1** (Londres, British Museum, Cotton Cleopatra): manuscrito do XI ou do X séculos, com todo o **De architectura**, seguido pelo **De re militari** de Vegécio e pela obra de Solino; h: **Harleianus 3859** (Londres, British Museum, Harley): manuscrito do séc. XI ou XII; contém todo o texto precedido pelo **De re militari** de Vegécio, pelos **Saturnales** de Macróbio, pela **Inuectiua Sallusti in Ciceronem**, pela **Historia Britonum** de Nennio, por obras de Santo Agostinho, Solino e Aethicus; p: **Parisinus 7227** (Paris, Bibliothèque Nationale, Lat. 7227 – antigamente 5439 e 1439): manuscrito do séc. XI ou XII; contém todo o texto, segundo Degering, seria o exemplar de Petrarca; W: **Vaticanus Reginensis 2079** (Vaticano, Biblioteca Apostolica, Reg. lat.): manuscrito cuja datação oscila entre o séc. XII e o séc. XV, contém todo o texto, seguido pelo anônimo **Secreta, siue Modi conficiendarum uariarum rerum**; V: **Vaticanus Reginensis 1328** (Vaticano, Biblioteca Apostolica, Reg. lat.): manuscrito cuja datação oscila entre o séc. XIII e XV, contém todo o texto.

Da lista dos 16 principais manuscritos existentes, pode-se observar que só oito códices contêm apenas o **De architectura**, enquanto os outros oito trazem o texto, ou trechos do texto, junto com outras obras. Trata-se principalmente de outras obras técnicas: a **Mappae clauicula** (S) e os **Secreta, siue Modi conficiendarum uariarum rerum** (W): dois opúsculos anônimos relacionados à pintura, o **Epitoma rei militari** de Vegécio (c, h): um tratado militar em quatro livros que compendia fontes diversas, e, mais freqüente, a **Epítome** de Faventino (P, E, S, v). A presença da **Epítome** de Faventino junto ao próprio texto do **De architectura** representa a disponibilização para o leitor de duas versões – integral e resumida – de uma mesma obra, da única obra existente durante a Idade Média sobre arquitetura; o leitor, segundo o seu interesse ou sua disponibilidade de tempo, tinha a opção de escolha entre uma leitura mais superficial ou mais aprofundada da obra. Nesse contexto, o códice *E* representa uma espécie de versão intermediária, apresentando partes do **De architectura** intercaladas aos capítulos da **Epítome** na seguinte ordem: *Ep.* 1-2 (de Vit. 1) – Vit. 2, *praef.* – *Ep.* 3-7 (de Vit. 8) – *Ep.* 8-12 (de Vit. 2) – Vit. 3, *praef.* e cap. 1 – Vit. 6, *praef.* e cap. 1-2 – *Ep.* 13-15 (de Vit. 6) – *Ep.* 16-17 (de Vit. 5) – *Ep.* 18-26 (de Vit. 7) – Vit. 8 (extratos dos cap. 1, 5 e 6) – Vit. 9 (extratos do cap. 9) – Vit. 10, *praef.* e extratos dos cap. 1, 9 e 16.

Um outro exemplo interessante para se verificar a forma de circulação do texto vitruviano na Idade Média é o códice h, que reúne textos muito diversos entre si: obras técnicas como a de Vitruvius e Vegécio, textos de história como o de Nênio e a **Inuectiua Sallusti in Ciceronem**, além de Santo Agostinho, que o

tornam uma verdadeira enciclopédia, que reúne em si, além do **De architectura**, outras “enciclopédias”, como a obra de Solino, **Collectanea rerum memorabilium**,⁶ que comparece junto ao **De architectura** também em *c*, e os **Saturnaliorum conuiuiorum libri VII** de Macróbio.⁷

A opinião, muito divulgada, segundo a qual o **De architectura** tenha sido descoberto em 1414 por Poggio Bracciolini em Montecassino é um grave erro histórico, do qual não se identificou o primeiro responsável. Mesmo se em círculos monacais estreitos, Vitruvius foi conhecido por toda a Idade Média, como bem comprovam os manuscritos conservados, que atestam que o texto tenha sido copiado ininterruptamente a partir, pelo menos, do séc. IX, além da notícia sobre os estudos de Eginardo, que fazem remontar o conhecimento do texto ao período carolíngio. Vincent de Beauvais, na sua grande enciclopédia, o *Speculum naturale*, incorpora quase literalmente a teoria vitruviana das proporções, que será um elemento constante nos tratados de arquitetura do Renascimento, e que já se encontra em plena Idade Média, transformada pelo misticismo, em uma visão de Santa Hildegard de Bingen. Ghiberti (1378-1455), escreve, já em idade avançada, os seus **Comentarii**, nos quais, no primeiro, retoma o programa vitruviano da educação enciclopédica.⁸ No fechamento do III comentário (inacabado), Ghiberti dirige críticas à teoria de Vitruvius, que é, de qualquer modo, o ponto de partida de todas as pesquisas desse tipo (SCHLÖSSER-MAGNINO, 1924, p. 104).⁹ Antes de Ghiberti, também Cennino Cennini e Filippo Villani demonstram conhecê-lo, provavelmente por via indireta. Petrarca e Boccaccio conheciam e possuíam a obra de Vitruvius, mas ambos se interessavam pela obra como uma relíquia do passado e como curiosidade histórica e filológica, ou seja, mantinham ainda o mesmo interesse que os monges da Idade Média tinham pelo **De architectura**.

A tradição vitruviana só retorna ao campo da arte com Leon Battista Alberti, já em meados do século XV. O texto, mesmo com todos os seus defeitos, ofereceu a chave para a determinação de um grande número de elementos arquitetônicos e para o esclarecimento e a fixação de uma série de conceitos construtivos fundamentais, através de um longo período de elaboração que, ao longo de todo o século XV, conduziu de Brunelleschi e Ghiberti a Bramante. Após Bramante a influência de Vitruvius se amplia ainda mais. O texto é estudado tanto por filólogos e eruditos, cujo trabalho de divulgação resulta em edições, traduções, comentários, anotações, quanto por arquitetos e técnicos, a começar pelos

⁶ Uma obra de natureza geográfica, com as características mais curiosas e sensacionais dos vários países descritos, sendo principalmente uma coletânea de trechos das partes geográficas da **Naturalis historia** de Plínio, de Pompônio Mela e dos perdidos **Prata** de Suetônio.

⁷ Uma miscelânea enciclopédica onde são tratados os mais variados argumentos ligados à cultura antiga, particularmente à análise da obra de Virgílio.

⁸ Modernizando o texto, incluindo a perspectiva e a anatomia como disciplinas essenciais.

⁹ Também o chamado *Zibaldone* da família Ghiberti é integrado por inúmeros extratos vitruvianos.

discípulos diretos de Bramante, como Peruzzi, Sammicheli, Rafael e Paládio, e depois por Sérlio, Vignola, Bertano e Scamozzi, que retornam ao **De architectura** para desvendar os segredos da arquitetura antiga, submetendo-o a um minucioso trabalho de dedução de leis e normas, superando, inclusive, as intenções do próprio autor.

A *editio princeps* tem data incerta entre 1486 ou 1487, publicada em Roma por Johannes Sulpicius: **L. Vitruvii Polionis ad Cesarem Augustum de Architectura libri decem**. Seguem-se duas edições importantes, a *editio Florentina*, em 1496, baseada na edição *princeps*, e a *editio Venetiana*, em 1497; também de 1497 é a primeira edição de Fra Giocondo, à qual se seguirão várias outras edições até 1523, sendo a de 1511, publicada em Veneza, a primeira edição ilustrada de Vitruvius. A tradução mais antiga que se conhece, datada por volta de 1485, é de Francesco di Giorgio Martini, conservada em um manuscrito da Biblioteca Nazionale Centrale de Florença, editada somente 500 anos após a sua realização, por G. Scaglia (Firenze, 1985).¹⁰ De 1514 é outra tradução conservada em manuscrito, de Fabio Calvo, obra ilustrada iniciada na casa de Rafael, publicada pela primeira vez por V. Fontana e P. Morachiello (Roma, 1975).¹¹ É datada em torno ao 1540 a tradução de Giovan Battista da Sangallo, conservada em um manuscrito da Biblioteca dell'Accademia dei Lincei e Corsiniana de Roma.

Ao contrário dessas traduções que não foram destinadas ao prelo, várias outras traduções italianas do século XVI foram publicadas: a mais antiga, de Cesare Cesariano, publicada em Como, remonta a 1521. Além de ser ilustrada, com essa tradução se inicia o estudo lexical do texto, com a preparação de índices e notas explicativas, constituindo um amplo e importante comentário para os estudiosos da história da arte. Essa tradução exerceu uma forte influência sobre os contemporâneos, sendo a primeira obra do gênero acessível a todos; pode-se notar também o quanto o significado da obra é atualizado, pois Cesariano tem muita atenção pelos monumentos da sua cidade, Milão, apresentando, por exemplo, planta e elevação da catedral, além de muitos detalhes sobre edifícios da sua pátria. Em 1524, em Veneza, é publicada a tradução, também essa ilustrada, de Francesco Lutio, dito Il Durantino; trata-se, na verdade, de uma cópia, um pouco transformada da tradução de Cesariano, do mesmo modo como a tradução incompleta, publicada em Perúgia, em 1536, de Giovanni Battista Caporali, que foi aluno de Perugino. A essas traduções seguem-se as três edições comentadas do Monseñor Daniele Barbaro, ilustradas por Palladio, publicadas em Veneza, das quais duas são traduções (de 1556 e de 1567, ampliada), e uma edição latina, publicada também em 1567. A tradução de Barbaro obscureceu todas as outras prece-

¹⁰ Recentemente apareceu uma nova edição: Francesco di Giorgio Martini. **La traduzione del De Architectura di Vitruvio**: dal ms. 2.1.141 della Biblioteca nazionale centrale di Firenze; a cura di Marco Biffi. Pisa: Scuola normale superiore, 2002.

¹¹ O manuscrito é conservado na Biblioteca de Munique.

dentos. Encerra esse elenco de incunábulo vitruvianos da Itália, a tradução de Giovanni Antonio Rusconi, publicada em Veneza em 1590. O grande número de edições dá idéia do vívido interesse por Vitruvius na Itália do séc. XVI e do intenso estudo do texto, um estudo destinado ao esclarecimento de passos obscuros através de empenho filológico, mas também através de erudição antiquária, como bem demonstram a presença constante de ilustrações, as quais, como se pode observar, parecem ter sido sentidas como absolutamente necessárias para a boa compreensão do texto, mesmo em tradução.

Fora da Itália o interesse também é grande. O primeiro ingresso de Vitruvius na Espanha é constituído pelo livro de Diego Del Sagredo, **Medidas del Romano**,¹² publicado em Toledo em 1526 e reeditado em Lisboa em 1541. Também há claras influências vitruvianas na obra do português Francisco de Holanda (autor de uma obra intitulada **De pintura antiga**, de 1548, e traduzida para o espanhol por volta de 1563) para quem Vitruvius e Plínio são tidos como autoridades absolutas. Não se conhece nenhuma tradução portuguesa da obra de Vitruvius, embora tenhamos notícias de projetos de traduções de Vitruvius e de Alberti empreendidas respectivamente por Pedro Nunes e por André de Rezende, nenhum dos quais era arquiteto. São conhecidas três traduções espanholas do século XVI: Hernán Ruiz el Joven (incompleta, livro I, 1550-1560); Lazaro de Velasco (~1564); Miguel de Urrea (1582). De meados do século (1547) é a primeira tradução francesa, de J. Martin, com xilografuras seguindo os modelos de Fra Giocondo, de Cesariano e mesmo de Sério, e também com desenhos de J. Goujon, que acrescentou um breve apêndice sobre a arte da construção; o título da obra, apresentando didaticamente o autor latino, faz supor que Vitruvius fosse pouco conhecido pelo público francês. Vitruvius é ainda divulgado na Alemanha, por Walter Riff, primeiro numa edição latina de 1543, publicada em Estrasburgo, e em tradução, publicado em Nuremberg em 1548. Em 1522 é publicado, juntamente com o texto latino, o primeiro comentário sistemático da obra, de autoria de Guillaume Philander; em latim, foi publicado em Lion, por Tornesius.¹³ Na Itália, o primeiro comentário sistemático é de autoria de G. B. Bertani, publicado em 1558.

O sinal mais vistoso do interesse por Vitruvius no século XVI, um interesse vital no interior da cultura do tempo, é a fundação da *Accademia della Virtù* em 1542, uma douta sociedade com o objetivo de promover em um âmbito mais

¹² O texto tem forma de diálogo entre dois interlocutores, um clacissista e um seguidor do velho estilo tradicional.

¹³ A data é fornecida por FLEURY (1990, p. CXVIII) e por GROS (1990, p. XCII), que citam uma edição que denominam “*Editio Argentoratensis* cum ‘Im M. Vitruvium de Architectura Annotationibus G. Philandri’”, publicada em Roma, Dossena, em 1544. Na bibliografia vitruviana de Mimarosa Barresi (MOROLLI, 1988, p. 155) a data é 1552. SCHLÖSSER-MAGNINO (1924, p. 253) fala em uma edição de Estrasburgo, ed. Knobloch, de 1543, imediatamente re-editada em Roma, em 1544, depois em Paris, em 1545, novamente em Estrasburgo, em 1550 e, numa edição melhorada (a qual se refere Mimarosa) em Lion, em 1552.

vasto a elaboração arqueológica e filológica de Vitruvius tendo membros eminentes como o Cardeal Bernardino Maffei, Guillaume Philander e o então jovem arquiteto Vignola, além de Cláudio Tolomei di Siena; o programa vastíssimo cujos pontos jamais foram plenamente realizados partia de uma edição rigorosamente filológica, com indicação de todas as variantes do texto muito corrompido, até a elaboração de um comentário técnico ilustrado, além da elaboração de um *lexicon Vitruvianum*, com as difíceis expressões técnicas, particularmente as expressões gregas. Dada a insuficiência das traduções existentes, pensou-se também em elaborar uma nova tradução em toscano, acompanhada por um dicionário técnico. O programa incluía, portanto, uma obra que deveria confrontar as regras de Vitruvius com as ruínas antigas ainda existentes, e mesmo a reunião de um vasto acervo de estátuas, vasos, inscrições, medalhas, relevos e outros objetos antigos do gênero.

No século XVII, os estudos vitruvianos parecem ter um grande impulso no norte da Europa, onde aparece uma série de edições importantes: a edição de Joan de Laet, publicada em Amsterdam em 1649, com o texto latino, com os comentários de Philander na íntegra, e com partes dos comentários de Barbaro e de Salmásio,¹⁴ além do léxico de Bernardino Baldi e seu comentário sobre a questão dos *scamilli impares*. Na França, aparecem várias edições com a tradução de Claude Perrault; a primeira, publicada em Paris em 1673, será abreviada no ano seguinte, em 1674 (essa edição abreviada será traduzida em italiano e publicada em diversas edições); posteriormente, em 1684, também em Paris, aparecerá uma edição ampliada. No século XVIII, será a vez da Inglaterra a dar um novo impulso aos estudos vitruvianos, com a edição de Robert Castell, de 1730, publicada em Londres, com tradução inglesa e reunião de comentários inéditos e outros já publicados, como aqueles de Inigo Jones. Entre 1771 e 1791, publica-se em Londres a tradução dos irmãos William e James Newton e, em 1789, aparece o volume teórico de James Newton, **The rudiments of Ancient Architecture**, publicado em Londres.

A partir do século XV são muitos os autores que tentarão reescrever o tratado de Vitruvius, modernizando-o. Entre os teóricos puros do primeiro Renascimento, Francesco di Giorgio Martini compõe em Urbino, após 1482, o seu tratado de arquitetura civil e militar, lamentando que, apesar dos esforços de um príncipe como Federigo da Montefeltro, não existisse ainda nenhuma tradução de Vitruvius. O seu tratado, em sete livros, mostra já nas suas introduções filosóficas a aderência ao modelo, ainda que para Martini, o autor latino não seja uma autoridade dogmática. Vitruvius é tido em alta conta por Luca Pacioli, que, na **Epistola allo Ill.mo Principe Guido Baldo Duca di Urbino** que abre o seu tratado **Sum-**

¹⁴ Cláudio Salmásio, erudito do séc. XVII interessado em gnomônica. O uso quase que contemporâneo das suas anotações demonstra o interesse despertado por cada novidade surgida nos estudos vitruvianos.

ma arithmeticae, de 1494, coloca lado a lado o texto de Vitruvius e o de Alberti como os grandes expoentes na arte da arquitetura. Também de 1494 é o livro de Francesco Mario Grapaldi, **De partibus aedium libri duo**, publicado em Parma, por Angelo Ugoletto, que teve diversas novas edições e mesmo traduções francesas e alemãs, com um enfoque classicista remonta diretamente a Vitruvius.

Sem dúvida a obra mais complexa dos primeiros teóricos renascentistas que diz respeito à arquitetura é o **De re aedificatoria**, de Leon Battista Alberti, que tem relações estreitas com o **De architectura**. A *editio princeps*, póstuma, aparece em Florença em 1485 (um ano após a primeira edição impressa de Vitruvius), mas a redação pode remontar a 1452. Apesar das críticas que o autor faz a Vitruvius, Leon Battista Alberti ambiciona ser o novo Vitruvius, e a sua obra um novo **De architectura**. Mas igualmente clara é a sua intenção de se referir ao moderno. A atualização efetuada por Alberti do texto ideal de um tratado de arquitetura retoma, em muitos pontos, a exposição vitruviana, particularmente no aspecto exterior, como o número de livros, mas também o conteúdo apresenta muitos pontos em comum; por exemplo, os três primeiros livros do **De re aedificatoria** tratam das questões relacionadas ao conceito vitruviano de *firmitas*, englobando a escolha do terreno, os materiais de construção e as fundações, aspectos tratados por Vitruvius, ainda que sem a rígida divisão imposta pelo teórico renascentista, também nos seus três primeiros livros.

Os juízos negativos de Alberti sobre a língua e o estilo vitruviano, particularmente sobre a terminologia, incentivam Bernardino Baldi a escrever o primeiro comentário realmente filológico ao texto de Vitruvius, intitulado **De verborum vitruvianorum significatione**, ao qual se acrescentou o ensaio *Scamilli impares vitruviani*, publicados pela primeira vez em Augsburg, em 1612. O texto de Baldi terá grande repercussão nos estudos vitruvianos, sendo, várias vezes, reimpresso, por exemplo, na edição de Jean de Laet, que reunia os principais estudos sobre Vitruvius até então realizados.

Uma lista com todas as interferências (correções, conjecturas, modificações, inversões textuais) no texto do **De architectura** que têm sido propostas durante a longa história da sua utilização ocuparia mais de um volume. Modificações propostas não apenas por filólogos, mas também por arquitetos, por estudiosos de história da arte e por arqueólogos. Uma característica peculiar dessa obra é que jamais alguém se contenta com a simples leitura; quem lê deseja, de um modo ou de outro, fazer a aplicação prática dos seus princípios e colocar à prova os dados observados. E isso tem sido feito continuamente nas edições (críticas ou não), traduções, comentários e os vários tipos de estudos dedicados ao autor e à obra ao longo dos últimos cinco séculos.

Este artigo não poderia se encerrar sem a menção ao célebre “homem vitruviano” de Leonardo. A ilustração é a transposição gráfica do texto apresentado em III, 1, 2, que trata das proporções do corpo humano, buscando uma analogia

com a arquitetura. A atualização do texto realizada pelo artista concretiza, hoje, a maior divulgação da obra de um escritor antigo: nenhum texto de Homero ou de Virgílio é tão conhecido como o parágrafo vitruviano. Reproduzida em todas as circunstâncias imagináveis, tornou-se um ícone da era da publicidade. Curiosamente, esse texto, transformado em desenho *ipsis litteris*, pode representar, metonimicamente, o próprio espírito da obra de Vitruvius e seu principal legado para a nossa época: a técnica, materializada na geometrização das proporções, nos membros do corpo transformados em números, tem presença forte, mas, antes de qualquer tecnicismo, está o humanismo peculiar do autor: é o homem que ocupa o centro do quadro.

Referências

- ALARÇÃO, J. *et al.* Vitruve à Conimbriga. In: **Conimbriga**, 17, 1978, p. 5-14.
- BARBARO, Daniele. **I dieci libri dell'architettura di M. Vitruvio**, tradotti & commentati da Mons. Daniele Barbaro. Venetia: apresso Francesco de' Franceschi Senese, & Giovanni Chrieger Alemano Compagni, 1567 [reed. fac-simile: VITRUVIO, M. **I dieci libri dell'architettura de M. Vitruvio**. Santa Cristina Gela: Edizioni Librarie Siciliane, Roma: Bardi Editore, 1993].
- CALLEBAT, Louis. (FLEURY, Philippe, colab.). **Vitruve. De l'architecture, livre X**. Paris: Les Belles Lettres, 1986.
- FERRI, Silvio. **Vitruvio (dai libri I-VII). De Architectura quae pertinent ad disciplinas archaeologicas**. Roma: Palombi, 1960.
- FLEURY, Philippe. **Vitruve. De l'architecture, livre I**. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- GEERTMAN, H., DE JONG, J. J. (Ed.). **Munus non ingratum**: proceedings of the international symposium on Vitruvius' De architectura and the Hellenistic and Republican architecture, Leiden 20-23 January 1987, BABesch Suppl. n. 2. Leiden: Stichting Bulletin Antieke Beschaving, 1989.
- GROS, Pierre. **De l'architecture, livre III**. Paris, Les Belles Lettres: 1990.
- GROS, Pierre. Munus non ingratum. Le traité vitruvien et la notion de service. In: **Le projet de Vitruve. Objet, destinataires et réception du De architectura**. Actes du colloque international organisé par l'École française de Rome, l'Institut de recherche sur l'architecture antique du CNRS et la Scuola normale superiore de Pise, Rome, 26-27/3/1993. Rome: École Française de Rome, 1994.
- GROS, Pierre. Vitruvio e il suo tempo. In: GROS, Pierre (cur.). **Vitruvio, De architectura**. Torino: Einaudi, 1997, IX-LXXVII.
- GROS, Pierre. (cur.). **Vitruvio, De architectura**. Torino: Einaudi, 1997.
- HALLIER, G. Entre les règles de Vitruve et la réalité archéologique: l'atrium toscan et quelques autres exemples. In: GEERTMAN, H., DE JONG, J. J. **Munus non ingratum**, 1989, 194-211.

MOROLLI, G. **L'architettura di Vitruvio, una guida illustrata**, Rilettura delle "Institutiones novae" accompagnata da inediti disegni sangallesi e corredata da una biografia e da un indice dei principali termini architettonici (apparati a cura di M. Barresi). Firenze, Alinea, 1988.

MORTET, V. Remarques sur la langue de Vitruve. In: **Revue de Philologie**, 32, 1908, p. 194-209.

PEDOTTI, B. **L'architettura e la figura dell'architetto secondo Vitruvio**. Firenze: (s.n.), 1969.

PELLATI, F. **Vitruvio**. Roma: Ed. Roma, 1938.

SCHLÖSSER-MAGNINO, Julius. **La letteratura artistica**. Firenze: Alinea, 1964³ (Ed. Or. Die Kunstliteratur. Wien, 1924).

WESEMBERG, B. Griechisches und Römisches in der vitruvianischen Architektur: ein Beitrag zur Quellenforschung. In: GEERTMAN, H., DE JONG, J. J. **Munus non ingratum**, 1989, p. 76-84.

Endereço para correspondência:

JÚLIO CÉSAR VITORINO

Rua Desembargador Paulo Mota 1.029/101 – Ouro Preto

31320-000 – Belo Horizonte – Minas Gerais

e-mail: montiv@letras.ufmg.br